O trombone baixo nas orquestras sinfônicas da atualidade: a atuação como categoria I (solista) e a posição de *utility*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Performance Musical

Maico Viegas Lopes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
maico.lopes@unirio.br

Ricardo Ferreira Brasilio dos Santos
ricktromb@gmail.com

Resumo. Este artigo busca compreender as transformações ocorridas na atuação do trombone baixo nas orquestras sinfônicas, destacando sua importância como instrumento solista e sua crescente aceitação como categoria principal, assim como a implementação da posição *utility* no naipe de trombones. Para este estudo, o instrumento de coleta de dados utilizado foi a análise documental e o método adotado foi o da análise de conteúdo através do contato com músicos renomados no cenário internacional, além de trabalhos acadêmicos sobre o tema. Foi possível realizar um mapeamento das vagas de trombone baixo em algumas orquestras do Brasil, Estados Unidos, Canadá, Austrália e alguns países da Europa, destacando a importância da inovação e da diversidade dos papéis desempenhados pelo trombone dentro das orquestras sinfônicas.

Palavras-chave. Trombone baixo, Orquestra sinfônica, *utility*.

Title. **The Bass Trombone in Today's Symphonic Orchestras: Performance as Category I (Soloist) and the *utility* Position**

Abstract. This article seeks to understand the transformations that have taken place in the performance of the bass trombone in symphony orchestras, highlighting its importance as a solo instrument and its growing acceptance as a major category, as well as the implementation of the "Utility" position in the trombone section. For this study, the data collection instrument used was documentary analysis and the method adopted was content analysis through consulting renowned musicians on the international scene, as well as academic papers on the subject. It was possible to map bass trombone positions in some orchestras in Brazil, the United States, Canada, Australia and some European countries, highlighting the importance of innovation and the diversity of roles played by the trombone in symphonic orchestras.

Keywords. Bass Trombone, Symphonic Orchestra, *Utility*.

Introdução

A formação do naipe de trombones nas orquestras sinfônicas, tanto brasileiras quanto internacionais, tem passado por mudanças significativas, não apenas artisticamente, mas também em sua posição administrativa. A introdução da categoria de trombone *utility* nas

orquestras trouxe novas perspectivas para a organização dos naipes de trombones principalmente nos Estados Unidos e no Brasil.

Nos últimos 20 anos, houve significativas mudanças em relação ao papel do trombone baixo no Brasil, não apenas em termos artísticos, mas também em sua posição administrativa, trazendo destaque à função (Decarli, 2020). Além disso, uma categoria até então mais comum na Europa tem crescido consideravelmente em todo mundo, a posição de trombone *utility*, conhecida na Alemanha como "Wechselposaune". Este trombonista executa tanto o trombone tenor (geralmente como segundo trombone) quanto o trombone baixo.

Neste artigo, observamos a perspectiva contemporânea do papel do trombone, especialmente o baixo, nas orquestras sinfônicas, abordando brevemente a origem e transição do trompete de vara para o trombone, a classificação de Praetorius (2001) e a diversidade dos trombones, bem como a inclusão dos trombones na orquestra clássica.

Este trabalho se insere no contexto da pesquisa qualitativa, que é aquela que tem como característica a busca para compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual fazem parte. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a análise documental. Neste modelo de pesquisa, os dados são obtidos exclusivamente através de documentos e tem como objetivo extrair informações neles contidas (Arantes, 2025). O método de análise adotado foi o da análise de conteúdo. Este método consiste na investigação do conteúdo dos documentos buscando respostas para as questões de pesquisa (Gomes, Neto e Deslandes, 2002).

Breve histórico da família dos trombones

Embora a família dos trombones tenha desempenhado um papel crucial na história da música, com suas raízes datadas do século XV, foi nos séculos XVI e XVII que surgiram as primeiras evidências claras da diversificação dos trombones em diferentes dimensões e afinações, delineando assim a formação de sua própria família (Sadie, 1994).

O trombone tem sua origem diretamente ligada ao trompete de vara do período do Renascimento. A transição do trompete de vara para o trombone marcou um avanço significativo na evolução dos instrumentos de sopro (Fonseca, 2008). Temos como ponto crucial na história da família dos trombones o segundo volume do tratado Syntagma Musicum (1618), de Michael Praetorius (1571-1621). Nesta obra, Praetorius não só descreve os diferentes tipos de trombones, mas também fornece representações visuais dos instrumentos de sopro da época. Ele classifica a família dos trombones em: *Alt-posaune, Ordinary-posaune, Quart-*

posaune e *Octav-posaune*. Essa classificação ilustra a diversidade e versatilidade dos trombones naquela época, evidenciando como diferentes tamanhos e afinações contribuíram para a riqueza sonora da família dos trombones.

Para obedecer ao recorte proposto neste estudo, vamos nos ater a **dois instrumentos** da família, o trombone baixo e o trombone contrabaixo.

O trombone baixo, conhecido historicamente como *Quart-posaune*, tem sua existência comprovada desde o século XVI. Registros históricos, como o inventário de 1573 da cidade de Kassel, na Alemanha, mencionam a presença de trombones, incluindo o *quart-posaune*, demonstrando sua relevância na música da época. A construção do *quart-posaune*, baseada no mecanismo telescópico (vara), permitia a execução da escala cromática e notas mais graves, contribuindo para sua importância e presença na música orquestral e de câmara (Decarli, 2020)

A evolução da orquestra clássica e a inclusão dos trombones

Durante a segunda metade do século XVIII, um período de mudança significativa na configuração orquestral teve início, impulsionado pelas obras dos renomados compositores Joseph Haydn (1732-1809) e Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). Suas composições conquistaram uma popularidade abrangente em toda a Europa, sendo executadas em diversas regiões (Ortolan, 1998). Esse aumento na demanda por execução musical evidenciou a necessidade de uma organização mais estruturada das orquestras.

Como resultado da crescente demanda por execução de obras musicais, especialmente as de Haydn e Mozart, as orquestras do período clássico adotaram uma formação padrão. Esta consistia predominantemente em uma seção de cordas composta por violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, com a adição de pares de oboés, flautas, fagotes, trompas, trompetes e tímpanos. No entanto, é relevante observar que a inclusão do clarinete na formação orquestral ocorreu apenas no final desse período (Burrows, 2013).

Apesar da organização orquestral estabelecida, os trombones não faziam parte da formação padrão daquele período. No entanto, compositores proeminentes como Christoph Willibald Gluck, Wolfgang Amadeus Mozart e Joseph Haydn empregaram o naipe de trombones em algumas de suas obras. Estas incluem óperas como "Orfeo ed Euridice", "Alceste", "Don Giovanni" e "Die Zauberflote", bem como composições sacras como "Mass in C minor", "Requiem in D minor" e "The Creation", (Thimóteo, 2017).

Durante esse período, o naipe de trombones era tradicionalmente composto por um trombone alto, um tenor e um baixo, que atuavam respectivamente na primeira, segunda e

terceira voz. Esta configuração tornou-se padrão ao longo do período clássico e parte do período romântico (Santos, 2009). Embora existissem diferentes constituições do naipe de trombones desde o século XVI, foi a partir do período clássico que essa formação se consolidou, diferentemente dos séculos anteriores, onde eram utilizadas outras configurações.

Uma das obras que marcou a utilização do naipe de trombones no período clássico é a ópera "Orfeo ed Euridice"do compositor alemão, Christoph Willibald Gluck. Nessa obra, os trombones desempenham um papel específico em apenas dois momentos, substituindo e dobrando as vozes do coro, evidenciando a habilidade dos compositores em integrar esse instrumento de forma pontual e eficaz em suas composições.

Em resumo, a inclusão dos trombones na orquestra clássica representa uma etapa significativa na inovação da música, demonstrando a capacidade dos compositores de adaptar e enriquecer a sonoridade orquestral por meio da incorporação de novos instrumentos e técnicas musicais.

No capítulo dedicado ao trombone do seu *Grand traité d'instrumentation et d'orchestration modernes op. 10 (1844)*, Berlioz destaca quatro instrumentos que compõem a família dos trombones: o soprano, o contralto, o tenor e o baixo. No entanto, ele observa que o soprano é mais comum na Alemanha, concentrando-se assim nos três últimos. Berlioz enfatiza a raridade do trombone contralto e do baixo nas orquestras francesas, destacando que o baixo é praticamente desconhecido. Ele ressalta a predominância dos trombones tenores na orquestração francesa e adverte contra a escrita de notas que estão fora da extensão do instrumento, como o Mi Bemol 1 (Berlioz, 1855).

O compositor descreve o som majestoso do trombone baixo e suas afinações variadas, mas observa lacunas na tessitura entre as notas graves reais e os pedais. Ele também observa que os baixos não eram comuns nas orquestrações de compositores contemporâneos, como César Franck (nascido na Bélgica e naturalizado na França) e Georges Bizet, que frequentemente escreviam para três trombones tenores, eventualmente dobrados por um oficleide ou tuba uma oitava abaixo.

Na Sinfonia em Ré Menor de Franck, por exemplo, o terceiro trombone atinge uma nota Lá 3, uma tessitura típica para um trombone tenor, enquanto a tuba dobra-o uma oitava abaixo. Em contraste, na suíte "L'Arlésienne" de Bizet, a tuba não está presente na orquestração, e o terceiro trombone assume uma das melodias principais, também atingindo um Lá 3 (Thimóteo, 2017)

Esse conservadorismo na orquestração francesa persistiu por muitos anos, tanto em orquestras quanto em grupos camerísticos, como o Quarteto de Trombones de Paris, que era composto exclusivamente por trombones tenores. Berlioz também discute a inovação de Adolf Sax de acoplar válvulas aos trombones tenores, ampliando sua tessitura grave. Ele destaca a importância de manter a qualidade sonora ao usar trombones com válvulas e reconhece seu uso em regiões da Europa central e sul.

Atuação de trombonistas baixo como solista e utility em orquestras sinfônicas.

A pioneira em reconhecer o trombone baixo como cargo solista (principal) no Brasil e em implementar a posição de trombone *utility* foi a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), seguida pela Orquestra do Theatro São Pedro e, posteriormente, pela Orquestra Filarmônica de Goiás também reconheceram o trombone baixo como instrumento solista. No entanto, nos chama atenção a seguinte questão: por que outras orquestras do país resistem em adotar essa estrutura administrativa e reconhecer o trombone baixo como categoria I, Solista, Principal?

Na tentativa de mapear qual seria o diferencial entre a atuação dos trombonistas que desempenham esta função, entramos em contato com alguns instrumentistas que exercem a função de Solista em orquestras brasileiras e de outros países. Em uma conversa com Mike Szabo, trombone baixo Solista da Orquestra Sinfônica de Melbourne, Austrália, ele acredita que a falta de reconhecimento do cargo de solista para o trombone baixo em algumas orquestras se deve ao desconhecimento de algumas administrações ou questões orçamentárias. Ele complementa:

> O título “Solista”, existe para reconhecer que o trombone baixo é uma disciplina separada, uma especialidade, com seu próprio repertório e conjunto de habilidades, semelhante ao contrafagote, flauta piccolo ou clarone, que também são cadeiras principais na Austrália. Minhas responsabilidades incluem tocar trombone baixo e contrabaixo quando necessário, além de auxiliar na escalação e contratação, especialmente de substitutos. É uma disciplina e um conjunto de habilidades distintas em comparação com o trombone tenor, e o título Principal, Solista reconhece isso. Caso contrário, estaríamos tocando 'terceiro trombone', o que é impreciso. (Szabo, 2024)

Ben Van Djik, professor do Conservatório de Amsterdam e Trombone Baixo Solista, recém aposentado da Orquestra Filarmônica de Rotterdam na Holanda, declara o seguinte:

> O trombone baixo tem um papel importante na orquestra, não apenas como um instrumento grave do naipe de trombones, mas também como solista. Embora em algumas tradições orquestrais, como a francesa, o trombone baixo seja subestimado e não seja incluído no naipe, em orquestras alemãs e americanas, o trombone baixo tem uma posição de destaque. Eu também comecei a minha carreira vindo desta tradição francesa, mas felizmente os meus diretores não concordaram com isso e transformaram a minha posição num trabalho principal, de solista, que ocupei durante cerca de 35 anos dos meus 46 anos de carreira! (Van Djik, 2024)

Entre as orquestras estadunidenses, trombonistas baixos renomados, como Allen Ostrander, Filarmônica de Nova York, Jeff Reynolds, Sinfônica de Los Angeles e Edward Kleinhammer, Sinfônica de Chicago, desempenharam papéis importantes na história dessas instituições. No entanto, a posição de trombone baixo como solista e chefe de naipe requer recursos financeiros adicionais por parte das orquestras, o que muitas vezes é uma barreira para sua mudança de status. Já em algumas orquestras europeias, o trombone baixo é muitas vezes considerado um co-principal, o que, no nosso entendimento, é subestimar a atuação do instrumentista e incorreto. Ao conceder a posição de trombone baixo como solista e chefe de naipe, as orquestras não apenas motivam o instrumentista, mas também elevam a qualidade da orquestra como um todo.

Embora a mudança de status do trombone baixo possa implicar em custos adicionais para as orquestras, é importante reconhecer o valor desse instrumento e a contribuição que ele pode trazer para a performance orquestral. “Com um trombonista baixo, motivado e talentoso, a orquestra certamente alcançará um nível superior de excelência”, complementa Van Djik (2024).

A posição de trombone *utility* tem crescido nos últimos anos e ganhado destaque mundialmente. Após sua implementação na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), algumas outras orquestras no Brasil têm adotado esse modelo de formação do naipe de trombones, composto por 2 primeiros trombones (solistas), 1 segundo trombone, 1 trombone *utility* (tocando segundo trombone e trombone baixo) e 1 trombone baixo. Além da OSESP, a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo, a Orquestra Filarmônica do Amazonas, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e a Orquestra Sinfônica Brasileira já incorporaram a posição de trombone *utility* em sua formação.

Atualmente, não há um formato único para o naipe de trombones seguido por todas as orquestras ao redor do mundo. Cada grupo opta por uma formação de acordo com suas necessidades específicas e o repertório demandado. De acordo com uma consulta realizada no

site MUVAC, que disponibiliza vagas para músicos em todo o mundo, em janeiro de 2026, foram encontradas um total de 24 vagas para trombonistas, das quais 8 são destinadas a instituições de ensino (estagiários) e serão desconsideradas neste trabalho. A distribuição dessas vagas é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Vagas Disponíveis para Trombonistas - Janeiro de 2026

Cargo	Orquestra/Instituição	Observações
Professor	Staatliche Hochschule für Musik Trossingen	
Primeiro Trombone	Musikalische Komödie Leipzig	Obrigação de tocar segundo trombone e trombone Alto - Solista
Primeiro Trombone	China NCPA Orchestra- CO	Solista
Primeiro Trombone	Anhaltisches Theater Dessau / Anhaltische Philharmonie	Tenor e Alto - Solista
Primeiro Trombone	Philharmonisches Staatsorchester Mainz	Tenor e Alto
Primeiro Trombone	Mozarteumorchester Salzburg	Co-Solista (tocar primeiro/segundo e Alto)
Primeiro Trombone	Fondazione Teatro alla Scala	Solista (tocar primeiro/segundo e Alto)
Primeiro Trombone	Bamberger Symphoniker - Bayerische Staatsphilharmonie	Tocar primeiro e Alto
Segundo Trombone	Euskadiko Orkestra - Basque National Orchestra	Somente Segundo trombone
Utility Trombone	Ensemble Intercontemporain France	Tenor, Baixo, Alto e trompete baixo
Utility Trombone	Sinfonieorchester Frankfurt Radio Symphony	Tenor e Baixo
Utility Trombone	Deutsche Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz	Tenor e Baixo
Utility Trombone	Hessisches Staatsorchester Wiesbaden	Tenor e Baixo
Utility Trombone	Dresdner Philharmonie	Tenor e Baixo
Trombone Baixo	China NCPA Orchestra	Solista
Trombone Baixo	Netherlands Philharmonic Orchestra	Netherlands Chamber Orchestra

Fonte: site MUVAC. Criado pelo autor. https://www.muvac.com/en/browse/vacancies?expertises=expertise.instrumentalist;NobwRAbghgNgrgUzALjASwHYGcAuAnOAWwQxywDp8B7QgIyoyQBp1t8iSyVgBdAXx5A. Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

No Brasil, até o início dos anos 2000, não era comum a posição de solista, cenário que começou a se transformar a partir de uma audição para a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP). Darrin Milling, trombonista baixo solista da OSESP, compartilha que sua

audição para ingressar na orquestra ocorreu em Nova Iorque e que, até sua chegada, a posição de trombone baixo solista não era uma característica do quadro de músicos da orquestra. Segundo Milling, o trombone baixo possui uma sonoridade única e desempenha um papel singular dentro do naipe de metais. Além disso, a falta de tradição e inexperiência dos regentes e dirigentes administrativos das orquestras brasileiras dificulta o reconhecimento do trombone baixo como instrumento solista. Ele argumenta que essa falta de compreensão da orquestração das obras pode limitar a inclusão do trombone baixo em papéis solistas. No entanto, a OSESP demonstrou uma abertura e uma visão inovadora ao integrar o trombone baixo como “Solista” na sua formação orquestral, contribuindo assim para a valorização e reconhecimento desse instrumento no cenário musical brasileiro.

O trombonista Martin Schippers, conhecido por sua posição como "Wechselposaune", (trombone tenor/baixo) na Royal Concertgebouw Orchestra, destaca uma interessante diferenciação entre as configurações dos naipes de trombones na Alemanha e nos Estados Unidos. Na Alemanha, o termo "Wechselposaune" é utilizado para descrever um músico que desempenha a função de tocar tanto o trombone baixo quanto o trombone tenor.

Por outro lado, nos Estados Unidos, muitas orquestras incluem a posição de "trombone utility", que engloba uma gama mais ampla de responsabilidades. Nessa posição, o músico é encarregado de tocar todas as posições dentro do naipe de trombones, além de outros instrumentos de válvulas, como eufônio e trompete baixo, além de assumir os papéis de primeiro, segundo e trombone baixo. Um exemplo desse papel é Colin Williams, o trombonista *utility* da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, que demonstra a versatilidade e habilidade necessárias para desempenhar múltiplos papéis dentro da orquestra. Essa flexibilidade e capacidade de adaptação são características essenciais para músicos que ocupam posições tão exigentes dentro do contexto orquestral contemporâneo.

Brian Hecht, trombonista tenor/baixo da Orquestra Sinfônica de Dallas, destaca a importância das posições especializadas dentro dos naipes de trombones para garantir o alto nível de performance das orquestras. Segundo ele, cada posição dentro do naipe requer habilidades específicas e distintas: o primeiro trombone deve liderar com um som mais brilhante, utilizando equipamento especializado para isso; o segundo trombone necessita de um som mais escuro, com a habilidade de seguir e ser liderado; e o trombonista dedicado exclusivamente ao trombone baixo é fundamental para conectar os trombones tenores à tuba, formando o "LOW BRASS".

Hecht enfatiza que quando um músico precisa transitar entre as diferentes posições do naipe, pode ser mais difícil desenvolver uma performance com a mesma qualidade do que aquele que se dedica exclusivamente a um único instrumento. No entanto, ele ressalta que, na Orquestra Sinfônica de Dallas, existe uma programação de trabalho que permite uma rotação entre os músicos do naipe, garantindo que sempre haja alguém de "standby" disponível para tocar em caso de emergências, acidentes ou doenças.

Embora reconheça a importância de ter o trombone baixo como um instrumento solista dentro do naipe de trombones, Hecht acredita que esse músico não deve ter a mesma autoridade "musical" que o primeiro trombone, assim como da tuba dentro do naipe. Para Hecht, é crucial que o naipe de trombones tenha apenas um líder, a fim de unificar as ideias musicais e garantir uma performance coesa e harmoniosa. Essas reflexões de Hecht ressaltam a complexidade bem como a necessidade de uma estrutura organizacional que permita a excelência artística e a coesão musical.

No Quadro 2, apresentamos uma listagem das orquestras sinfônicas que possuem a vaga de trombone baixo solista.

Quadro 2: Orquestras sinfônicas com trombone baixo solista

Orquestra/Instituição	Trombonista Baixo Solista	Website	Data/Hora
Pittsburgh Symphony Orchestra	Jeffrey Dee	pittsburghsymphony.org	29/08/2023 - 14:40
London Symphony Orchestra	Paul Milner	lso.co.uk	29/08/2023 - 14:50
Bournemouth Symphony Orchestra	Kevin Soares	bsolive.com	29/08/2023 - 14:54
Orchestre Philarmonique Royal de Liège	Pierre Schyns	orchestre.philharmonique.be	29/08/2023 - 15:45
Real Orquestra Sinfonica de Sevilla	José Manuel Barquero Puntas	rossevilla.es	29/08/2023 - 15:51
San Francisco Opera	David Rigde	sfopera.com	29/08/2023 - 15:56
Calgary Philharmonic Orchestra	David Reid	calgaryphil.com	29/08/2023 - 15:58
Winnipeg Symphony Orchestra	Kyle Orlando	wso.ca	29/08/2023 - 16:12
Montreal Symphony Orchestra	Pierre Beaudry	osm.ca	29/08/2023 - 16:15
Edmonton Symphony Orchestra	Tyler Cairns	winspearcentre.com	29/08/2023 - 16:18
Quebec Symphony Orchestra	Scoot Robinson	osq.org	29/08/2023 - 16:21

Orquestra/Instituição	Trombonista Baixo Solista	Website	Data/Hora
London Philharmonic Orchestra	Lyndon Meredith	lpo.co.uk	29/08/2023 - 16:47
Royal Philharmonic Orchestra	Josh Cirtina	rpo.co.uk	29/08/2023 - 16:50
Melbourne Symphony Orchestra	Michael Szabo	mso.com.au	29/08/2023 - 16:53
Gewandhaus Leipzig Orchestre	Domenico Catalano, Tino Mönks	gewandhausorchester.de	29/08/2023 - 16:57
Opera Nacional de Paris Orchestra	Guillaume Varupenne	operadeparis.fr	29/08/2023 - 17:01
Sydney Symphony Orchestra	Christopher Harris	sydneysymphony.com	29/08/2023 17:04

Fonte: criado pelo autor.

Considerações finais

O objetivo principal desta pesquisa era mapear a atuação do trombonista baixo na orquestra sinfônica. Para isso, fizemos um breve levantamento de referências históricas da família do trombone, visando oferecer uma visão abrangente da evolução e desenvolvimento dos trombones ao longo dos séculos, destacando sua importância na música e cultura.

Os dados apresentados evidenciam que o trombone baixo vem passando por um processo contínuo de redefinição do seu papel desempenhado nas orquestras sinfônicas contemporâneas. Foi possível observar o aumento da atuação do trombone baixo como instrumento solista, além de uma crescente aceitação do exercício da função de categoria principal e da implementação da posição *utility* no naipe de trombones.

Compreender o trombone baixo como um instrumento com técnica e identidade sonoras próprias contribui para a consolidação do trombone baixo na posição de categoria I (solista) em importantes orquestras, especialmente em contextos norte-americanos, europeus e, mais recentemente, brasileiros. Este movimento reflete não apenas uma valorização do instrumento, historicamente associado a uma função de sustentação harmônica dentro do naipe, mas também uma compreensão mais refinada da escrita orquestral e das demandas do repertório moderno e contemporâneo, no qual o instrumento tem conquistado progressivamente maior autonomia. Tal reconhecimento contribui diretamente para a elevação do nível artístico das orquestras, ao permitir que músicos especializados atuem com maior clareza de suas funções.

As diferentes tradições culturais, limitações orçamentárias e discordâncias sobre a função que o trombone baixo exerce na orquestra são algumas questões que impedem a adoção

de um modelo único que seja adotado internacionalmente. O cenário brasileiro apresenta avanços ainda modestos, apontando para a necessidade de maior difusão de conhecimento e reflexão crítica sobre a atuação do instrumentista. O pioneirismo da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) em reconhecer o trombone baixo como uma posição solista e em implementar a categoria *utility* tem influenciado outras instituições brasileiras. No entanto, algumas orquestras ainda resistem em adotar essa estrutura.

Paralelamente, a expansão da posição de trombone *utility* revela uma tendência de flexibilização das estruturas tradicionais dos naipes, respondendo a demandas práticas, econômicas e de repertório. Essa função exige elevada versatilidade técnica e adaptabilidade, e demonstra como as orquestras contemporâneas têm buscado modelos mais dinâmicos de organização, capazes de equilibrar eficiência operacional e qualidade artística.

O reconhecimento do trombone baixo como um instrumento solista e a implementação da posição de trombone *utility* são reflexos das mudanças no cenário musical contemporâneo, destacando a importância da inovação, da abertura para novas possibilidades e da valorização da diversidade de papéis desempenhados pelo trombone dentro das orquestras sinfônicas contemporâneas. Ao mesmo tempo que afirma sua identidade como instrumento solista, a posição de *utility* o caracteriza como um instrumento que demanda versatilidade do instrumentista. A coexistência desses papéis não representa uma contradição, mas um indicativo da necessidade adaptativa que as práticas musicais contemporâneas têm apresentado, apontando a versatilidade e a especialização como características essenciais ao músico contemporâneo.

Espera-se que esse estudo sirva como ponto de partida para a reflexão acerca da atuação de trombonistas em orquestras sinfônicas, um tema complexo e em constante evolução, que forneça insights valiosos para profissionais da área e estudantes interessados na dinâmica e evolução das orquestras sinfônicas contemporâneas.

Referências

ARANTES, Thiago Ramalho de Rezende. Pesquisa Documental, Pesquisa Bibliográfica e Revisão Sistemática: Aspectos Definidores e Breves Considerações. *Cadernos de Estudos Interdisciplinares*, v. 7, n. 2, p. e722501, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15799019. Disponível

em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cei/article/view/2662. Acesso em: 1 mar. 2026.

BAINES, Anthony Cuthbert. *Brass Instruments*: Their History and Development. New York: Dover Publications Inc., 1993. 320p.

BERLIOZ, Hector. *A Treatise Upon Modern Instrumentation and Orchestration*. London: Novello, Ewer and Co, 1858.

BURROWS, John. Música Clássica. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 2013. 512p.

DECARLI, Fransoel Caiado; RONQUI, Paulo Adriano. *O trombone baixo*: antecedentes históricos, dimensões estruturais e modelos desenvolvidos em distintos períodos musicais. Opus, v. 26 n. 3, p. 1-38, set/dez. 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/348852667_O_trombone_baixo_antecedentes_historicos_dimensoes_estruturais_e_modelos_desenvolvidos_em_distintos_periodos_musicais. Acesso em 30 mai 2026.

FONSECA, Donizete Aparecido Lopes. *O Trombone e suas Atualizações*: Sua História, Técnica e Programas Universitários. São Paulo, 2008. 228f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOMES, Romeu; NETO, Otávio Cruz; DESLANDES, Suely Ferreira. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa Social*: teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 80p.

HIGH, Eric Douglas. The Contrabass Trombone: A brief history and survey regarding its use today. Arizona, 2006. 118f. Tese (Doutorado em Música). Arizona State University, Arizona, 2006.

ORTOLAN, Eduardo Tadeu. *História da Música*: do canto gregoriano à eletroacústica. São Paulo: Gráfica Conquista, 1998. 175p.

PISTON, Walter. *Orchestration*. London: Victor Gollancz Ltd, 1969. 243p.

PRAETORIUS, Michael. Syntagma musicum Band I-III. Reprint der Originalausgaben von 1614/15 und 1619. Bärenreiter, 2001. 276p. Disponível em https://archive.org/details/SyntagmaMusicumBd.31619/page/n23/mode/2up. Acesso em 31 mai 2026.

SACHS, Curt. *The History of Musical Instruments*. New York: W.W. Norton & Company, Inc., 1940. 559p. Disponível em https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.234471/page/30/mode/2up. Acesso em 20 abr 2026.

SADIE, Stanley; LATHAM, Alison. Dicionário Grove de Música. Tradução Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1048p.

SANTOS, Rodrigo Alexandre Soares. *Sacabuxa*: panorama histórico e reflexão sobre a adaptação do músico atual ao instrumento de época. Campinas, 2009. 93p. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

THIMÓTEO, Reginaldo. Trombone tenor ou baixo? O "Choros n.º 4" de Villa-Lobos à luz das tradições do instrumento. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 289-305, jul.–dez. 2019. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/36077